



# Preleção sobre a gramática latina<sup>1</sup>

**Tradução: Roberto Barros**

Doutor em Filosofia pela TU-Berlin, professor da Faculdade de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA - Brasil, e-mail: robertbarr@gmx.net

---

## Cap. I. Da origem da linguagem

Velho enigma: nos indianos e gregos até o tempo atual. Determinar como a origem da linguagem não deve ser pensada.

A linguagem não é a obra consciente nem de um nem de uma maioria. I. Todo pensar consciente é apenas primeiramente possível com a ajuda da linguagem. Totalmente impossível um pensamento tão cheio de sentido a partir apenas dos sons animais: O maravilhoso sentido profundo do organismo. O conhecimento filosófico mais profundo já se encontra preparado na linguagem. Kant diz: “Uma grande parte, tal[vez] a maior das partes das operações (*Geschäfte*) da razão consiste em análises (*Zergliederungen*) de conceitos, que ela já pressupõe (*vorfindet*) em si”. Pense-se em Sujeito e objeto; o conceito do juízo é abstraído da frase gramatical. Do sujeito e predicado surgiram as categorias de substância e acidente. 2. O desenvolvimento do pensamento consciente é danoso para a linguagem. Declínio de culturas posteriores. A parte formal, precisamente a valorizada

---

<sup>1</sup> Friedrich Nietzsche.

pelo filós[ofa], sofre. Pensa-se na língua francesa: nenhuma declinação, nenhum neutro, nenhum passivo, abrasadas todas as sílabas finais, as sílabas tronco irreconhecivelmente transfiguradas. Um elevado desenvolvimento cultural não está nem mesmo em condição de preservar o concluso obsoleto do declínio. 3. Para o trabalho de um único ela é deveras complicado, para o da massa por demais uniforme, um organismo completo.

O que resta então é apenas interpretar a linguagem como produto do instinto, como nas abelhas – nos montes de formigas, etc... Todavia o instinto não é resultado da reflexão consciente, não é simples consequência da organização corporal, não é resultado de um mecanismo localizado no cérebro, não é efeito de um mecanismo que decorre do exterior de seu Ser (*Wesen*), mas a mais própria capacidade (*Leistung*) do indivíduo ou da massa, do caráter manifestante (*entspringend*). O instinto é até mesmo um (*eins*) com o núcleo mais profundo de um ser. Este é propriamente o problema da filosofia, a infinita finalidade dos organismos e a inconsciência no seu provir (*Entstehn*). Com isso são porém negados todos os ingênuos pontos iniciais. Nos gregos se a linguagem seria θεσει ou φύσει: portanto se esses enunciados seriam determinados por figurações arbitrárias, por meio de contratos e compromissos ou se o corpo sonoro seria condicionado por meio do conteúdo conceitual. Mas novos eruditos (*Gelehrter*) também precisam destes tópicos (*Schlagwörter*), por exemplo, o matemático Maupertius (1698 – 1759): concordância como base. Primeiro um estado, sem linguagem, com gestos e tons gritados (*Schreitönen*). A isso se teriam acrescido gestos convencionais e tons gritados. Estes meios teriam de ser complementados, para se chegar a uma língua pantomímica gritada e cantada. Mas isso teria sido irritante. Entonação correta e fina audição não seria coisa de todos os homens. Então ter-se-ia chegado a uma nova forma de expressão. Por intermédio da língua a dos lábios, ter-se-ia chegado a produção de uma grande quantidade de articulações. Percebeu-se as vantagens da nova linguagem e então se teria permanecido nela.

Entrementes, outra questão tomou a cena. Se a linguagem poderia ter provido unicamente da força espiritual humana, ou se ela seria uma dádiva direta de Deus. O velho testamento é o único escrito religioso, que tem um mito sobre a origem da linguagem ou algo semelhante. Dois pontos principais: Deus e o homem falam a mesma linguagem, não como nos gregos. Deus e os homens dão nome às coisas, que expressam a relação das coisas para com os homens. Portanto, o nomear dos animais e assim por diante

era o problema do mito: A linguagem mesma é pressuposta. – Os povos se calam sobre a origem da ling[uagem]. Eles não pode pensar mundo, deuses e homens sem esta.

Cada questão considerada com perspectiva hist[órica] e fisiol[ógica] mínima. Por meio da comparação das línguas logo se tornou claro, que a proveniência (*Entstehung*) da natureza não poderia ser demonstrada. O nomear arbitrário já em Platão, no *Crátilo*: este ponto de partida pressupõe propriamente uma linguagem antes da linguagem.

Jean Jacques Rousseau acreditava que seria impossível que a linguagem pudesse prover de meios puramente humanos.

Significativa em uma perspectiva contrária, a obra de De Brosses (1709 – 1777), que permanecia convicto da pura proveniência huma[na], todavia com meios insuficientes. A escolha da tonalidade dependeria da natureza das coisas, por exemplo, rude und doux e pergunta: “um não é cru e o outro doce?”. Tais palavras porém, repousam de forma infinita antes da proveniência da linguagem: Nós nos habituamos e imaginamos, que nos tons haveria (lãge) algo das coisas.

De forma significativa Lord Monboddó: ele menciona uma atividade mental reflexiva: uma inversão do homem e realizada com frequência: para isso ele não necessita de nenhuma linguagem primitiva. Ele escreveu a este respeito por vinte e um anos: as dificuldades se tornam cada vez maiores. Ele atribui a proveniência ao mais sábios dos homens. Ele precisa ainda da ajuda de algo sobre humano (*übermenschliche*). A rainha demônio egíp[cia].

Na Alemanha a Academia Berlinense teria colocado – há um século atrás – a questão temática (*Preisfrage*) sobre a “Origem da linguagem”. Em 1770 o escrito de Herder ganhou a preferência (*Vorzug*). O homem teria nascido para a linguagem. “Assim a gênese da linguagem é um ímpeto (*Drängnis*) interno, como o ímpeto do embrião para o nascimento no momento de sua madureza”. Mas, ele divide com os seus predecessores a intuição de como a linguagem se interioriza a partir de sonoridades externadas. A interjeição a mãe da linguagem: Enquanto ela propriamente é a negação.

O conhecimento correto se tornou corrente a partir Kant, que na Crítica do Juízo reconheceu ao mesmo tempo a teleologia na natureza enquanto algo efetivo, por outro lado ressaltou a maravilhosa antinomia, que algo útil (*zweckmäßig*) seria algo sem uma consciência. Essa é a essência do instinto.

Por fim palavras de Schelling *Abth.*, II. Bd. I S. 52) “Sem linguagem não se deixa pensar não apenas nenhuma filosofia, mas de forma absoluta, nenhuma consciência humana. Desse modo, o fundamento da linguagem não pode ser colocado na consciência. E ainda, quanto mais fundo nós adentramos nela, mais determinadamente se descobre que a sua profundez ultrapassa em muito aquilo que é gerado conscientemente. Ocorre com a linguagem o mesmo que com os organismos vivos; nós acreditamos ver cegamente estes provirem e não podemos retirar da anuência (*Abrede*) a infundada pretenciosidade da sua formação até a última particularidade.

## Comentário

As anotações referentes à *Preleção sobre a gramática latina* dizem respeito a um curso ministrado por Nietzsche então na Universidade da Basileia no semestre de inverno de 1869/70. Segundo Curt Paul Janz, naquela época o estudo das Filologias Latina e Grega não estava rigorosamente separado (Janz Band I, p 330). Desse modo, Nietzsche, então recentemente nomeado Professor de Filologia clássica, ministrava tanto aulas de gramática e exercícios, assim como abordava temas relacionados à filosofia grega.

As anotações para o referido curso, do qual aqui, por razões de delimitação temática, foi traduzida apenas a primeira parte, não consistem em um texto terminantemente acabado. Nele são muitas as abreviações e passagens em que se constata descontinuidades abruptas, que levam à percepção de que se tratava de um texto de referências para o docente e não de um texto a se tornar público.

No que se refere a sua importância filosófica, o pequeno trecho é, todavia, bastante significativo. Ele apresenta aspectos centrais da reflexão inicial de Nietzsche acerca da linguagem, que, por seu turno, caminha paralelamente a sua ocupação com a filosofia. De forma bastante concisa, ele enuncia não apenas os seus pressupostos concernentes à problemática do surgimento linguagem, mas também os posicionamentos aos quais ele se opõe e deseja se afastar. O pressuposto primeiro de sua reflexão é a origem orgânica, fisiológica da linguagem, em oposição às concepções que a colocam como produto do pensar consciente ou como dádiva divina. A afirmação grifada, que inicia e marca o sentido argumentativo deste tópico introdutório no texto – “A linguagem não é a obra consciente nem de um

nem de uma maioria” – afasta Nietzsche de qualquer conjectura no sentido da possibilidade de associar uma relação de precedência do pensamento consciente com respeito à linguagem. Ele tende precisamente na direção contrária e neste sentido a utilização do verbo *entstehen* e da substantivação *Entstehung* (proveniência), em contraposição a *Ursprung* (origem) é significativa. Enquanto que o termo *Entstehung* surge no contexto da apresentação dos argumentos naturais, *Ursprung* é mencionado relativamente ao Velho Testamento enquanto posicionamento único e voltado a uma explicação originária da linguagem. Precisamente por este motivo, Nietzsche utiliza “origem” no título do primeiro capítulo, pois o texto trata prioritariamente de como não se deve pensar esta questão.

Influenciado pela leitura do livro *Filosofia do inconsciente (Philosophie des Unbewusstes)*, de Eduard Von Hartmann – no caso deste capítulo especificamente o tópico VI, de onde são retiradas as citações de Kant e de Schelling – Nietzsche concilia a sua consideração da linguagem com a reflexão acerca do inconsciente. O autor da *Crítica do Juízo* é tido então como aquele que indica a forma correta de reflexão acerca da linguagem, a partir da indicação da inconsciência da teleologia natural, que Nietzsche finda por interpretar instintivamente. Esta afirmação ressalta a importância da temática do aspecto orgânico, fisiológico, da linguagem, que aparecerá de modo significativo no póstumo ensaio “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral”, de 1873. Neste sentido, a importância da menção a Herder, mais propriamente ao escrito premiado em 1770 pela academia de Berlim, *Tratado sobre a origem da linguagem (Abhandlung über den Ursprung der Sprache)*. Ela serve de constatação do contato de Nietzsche com a importante reflexão precedente realizada na Alemanha acerca da linguagem por aquele autor e, possivelmente – mesmo que de forma indireta, por intermédio de Gustav Gerber (Borsche, 1994, p, 112) - por Humboldt, que se caracteriza pela tentativa de indicar a necessidade de fornecer uma interpretação natural para o surgimento da linguagem.

Finalmente, com referência à citação final de Schelling. Ela indica alguns aspectos que norteiam a reflexão de Nietzsche sobre a linguagem no período e que, apesar de não mencionadas no capítulo aqui em questão, merecem ser mencionados. Com efeito, a indicação da precedência da linguagem com respeito à consciência parece ser claramente possível de ser aproximada da relação entre impulso musical e palavra, que consiste em um dos aspectos centrais da reflexão nietzschiana acerca dos dois

---

impulsos estéticos, o apolíneo e o dionisíaco em *O Nascimento da tragédia*. Estes pressupostos são determinantes não apenas para o desenvolvimento de toda a teoria pulsional em Nietzsche, como para o importante aspecto do traço fisiopsicológico de suas interpretações do conhecimento e da arte.

## Referências

BORSCHKE, Tilman. **Natur-Sprache. Herder – Humboldt – Nietzsche**. Em Centauren Geburten. Berlin/New York. Walter de Gruyter, 1994. 112-130.

JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche**. Biographie. München/Wien. Carl Hanser Verlag, 1978.

NIETZSCHE, F. **Kritische Gesamtausgabe Werke** (KGW) II, 2. Bearbeitet von Fritz Bornmann / Mario Carpitella. Berlin-New York, 1993.

NIETZSCHE, F. **Sämtliche Werke** hrsg. v. G. Colli e M. Montinari. Kritische Studienausgabe (KSA). München, Walter de Gruyter, 1980.

Recebido: 04/12/2012

*Received:* 12/04/2012

Aprovado: 17/01/2013

*Approved:* 01/17/2013